

Identities and sexualities in transformation

Leticia Glocer Fiorini,¹ Buenos Aires

A autora aborda as complexas relações que se estabelecem entre as categorias de identidade e identidade de gênero com o campo da sexualidade e dos corpos. Propõe pensar que estes fatores não são autônomos e interagem recursivamente. Estão relacionados com os outros significativos e com os discursos vigentes, em uma trama plural. A proposta inclui a necessidade de repensar o conceito de diferença sexual vigente, ampliá-lo e apontar os fatores heterogêneos que estão em jogo nesse conceito.

Palavras-chave: Identidade; Identidade de gênero; Sexualidade; Pulsão; Corpo; Paradigma da complexidade

¹ Médica psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

As sociedades contemporâneas enfrentam pronunciadas mudanças discursivas, legais e éticas que estão ocorrendo no quadro das cada vez mais extensas práticas não convencionais no campo da sexualidade e do gênero. Estas práticas, mais visíveis principalmente no Ocidente, nos levam a refletir sobre a práxis psicanalítica na atualidade. A teoria e a clínica estão igualmente envolvidas. Trata-se de um desafio que é realmente importante abordar e que abrange a necessidade de repensar, entre outras coisas, as categorias de identidade e sexualidade. Embora se trate de categorias que podem ser analisadas separadamente, pois referem a ordens diferentes, também exigem que se focalizem as relações entre ambas no âmbito intrassubjetivo.

Há vários debates no campo psicanalítico:

- A identidade é um conceito próprio da psicanálise?
- Como se define a identidade de gênero no campo amplo da identidade?
- Em que sentido se fala de sexualidade e que lugar ocupa no *corpus* psicanalítico?
- Há uma oposição intransponível entre identidade e sexualidade?
- Outro ponto de debate, que nasce do anterior, é o papel do campo da alteridade na construção de subjetividade sexuada (incluindo a identidade e a sexualidade). Isso causou confrontos entre os que privilegiam o papel dos outros significativos e os que dão destaque à pulsão, ao desejo e à fantasmática inconscientes como elementos-chave nos processos de subjetivação.

Nosso propósito é analisar os conceitos mencionados a partir da teoria e da experiência clínica. Estabelecer suas distinções e também suas relações. Isso implicará recorrer a modelos de pensamento que aceitem as conexões e interfases entre variáveis heterogêneas, neste caso entre sexualidade e identidade.

Para abordar as categorias de identidade, identidade de gênero e sexualidade, é necessário incluir diferentes níveis de análise, intrassubjetivos e transsubjetivos. Na prática clínica, nos apoiamos em distinções teórico-clínicas que surgem dos planos subjetivos que estão em jogo. Desta maneira, se falamos de transexualismo, há um primeiro eixo que aponta para a incongruência entre a identidade de gênero autopercebida e o gênero estabelecido ao nascer em concordância com o corpo sexuado. O foco está no campo identitário. Mas se nos referimos à homossexualidade por exemplo, estaremos falando do campo do desejo e da escolha de objeto. Com certeza, há entre esses dois exemplos muitas outras posições e configurações em que os campos se entrecruzam. Identidade de gênero e sexualidade estabelecem conexões. Indubitavelmente, isso também diz respeito à homossexualidade, em

que as fantasmáticas e, às vezes, as práticas sexuais entram em conflito com a *condição heterossexual*.

Desta maneira, os temas vinculados à identidade e à sexualidade adquirem cada vez mais pregnância, na medida em que as sociedades e culturas atuais nos mostram configurações subjetivas que se afastam das normas estabelecidas. As subjetividades plurais que se tornam evidentes nas culturas e subculturas contemporâneas podem ser ou não problemáticas para cada sujeito, caso sejam conflitantes em relação à identidade de gênero ou à escolha de objeto sexual fora das legalidades e convenções vigentes. No caso de serem problemáticas, podem gerar conflitos em relação a uma sexualidade não normativa, ou pela autopercebida incongruência corpo-gênero, ou ainda pelas demandas e pressões parentais, familiares e culturais, que são eventualmente interiorizadas.

Problemáticas em relação à identidade de gênero aparecem em crianças pequenas, e podem se transformar em um dilema e em uma fonte de angústia para os pais. Esse é um desafio para cada psicanalista: analisar e acompanhar o processo junto com a família – processo de final incerto, mas que requer um alto grau de neutralidade e atenção à singularidade de cada caso. Há múltiplos fatores em jogo que é preciso esclarecer, sem imposições que só podem ser iatrogênicas.

Também há, cada vez mais, consultas de adolescentes e jovens que não se identificam com um gênero em particular, além das mais conhecidas consultas por tendências homossexuais quando estas são conflitivas para a pessoa. No entanto, sabemos que a maioria dessas últimas consultas é por outro tipo de conflito, e não primariamente pela escolha de objeto sexual.

Identidade e gênero

A identidade é um conceito psicanalítico? Para alguns analistas não é porque consideram que não existe uma identidade fixa e imutável no sujeito humano.

Em primeiro lugar, notemos que inadvertidamente ou não todos nós utilizamos referências à identidade. A questão é tornar claro o conceito de identidade que se usa. Neste sentido, enfatizamos que o conceito de identidade é mais amplo que o de identidade de gênero, ao qual vamos nos referir. Em outras palavras, os conflitos identitários não se referem somente ao gênero, mas neste campo adquirem uma especificidade que é preciso destacar.

Em segundo lugar, pensamos que é a mesma coisa referir à identidade em um sentido lógico-matemático, *o igual a si mesmo*, e falar da identidade subjetiva que se organiza em torno da pergunta “quem sou”. A identidade se

sustenta em identificações que sempre têm um componente imaginário, mas que possuem também fortes efeitos simbólicos. Ressaltamos que do ponto de vista subjetivo a identidade responde a continuidades e descontinuidades, a fixações e transformações ao mesmo tempo. Não existe identidade fixa e imutável.

Em nossa opinião, é imprescindível pensar em duas facetas. Por um lado, um conceito de identidade subjetiva sempre em transformação por se basear em identificações, e, por outro, o estímulo subjetivo para construir referências identitárias com uma certa fixidez. Sacks (2002) havia especificado que há uma *narração* interna que é nossa identidade e que estabelece uma continuidade. Certamente seria impossível pensar em um sujeito que não se apoie em certas fixações que permitam estabelecer *lugar e tempo* identificadores que marquem uma continuidade subjetiva, mesmo que transitória, em tempo e espaço. O conceito de cronotopos de Bakhtin (1990) aponta nessa direção. Este autor, a partir da análise literária, enfatizou a relação indissolúvel entre tempo e espaço. De outra perspectiva, Cragolini (1998) assinala que *os nômades também necessitam de casas temporárias, mas não definitivas*.

É necessário diferenciar também entre uma fixação imprescindível da identidade subjetiva, sempre em movimento, e a identidade como uma prótese imodificável. Neste último caso, a construção de subjetividade se veria fortemente afetada pela sujeição a uma imobilidade atemporal.

No entanto, se nos referimos à identidade de gênero, este conceito alude a um imperativo da cultura que demanda situar o recém-nascido em um dos dois gêneros clássicos. Em alguns países, isso se ampliou com o acréscimo de uma terceira opção, com o propósito de incluir o gênero não determinado por diferentes motivos.

Rubin (1975) propôs estabelecer uma diferença entre o sexo e o gênero: o sexo baseado na anatomia e o gênero como uma construção cultural. Stoller (1968) propôs uma distinção entre a atribuição de gênero; o núcleo da identidade de gênero, pré-edípico, que considerava inamovível depois dos dois anos; a identidade de gênero e os papéis de gênero (masculinidade e feminilidade).

De modo geral, a atribuição de gênero foi estabelecida a partir do contrato social, mas atualmente as características inamovíveis da identidade de gênero estão questionadas. As identificações que sustentam a identidade de gênero estão, em geral, fortemente assentadas, e se estruturam baseadas em ideais coletivos e parentais, que são progressivamente assumidos pelos meninos e meninas, com maior ou menor conflito. Os desejos, as aspirações e os ideais dos pais estão fortemente em jogo. Mas o gênero nunca é totalmente inamovível, pelo menos no plano das fantasmáticas pessoais.

Em relação à categoria de gênero, vemos que existem diferentes teorias a respeito. Ao conceito de identidade de gênero inamovível depois dos dois anos se opõe ao de gêneros fluidos, migrantes. Com certeza, nunca há uma escolha consciente livre. O “eu escolho...”, como toda escolha, tem fortes determinações inconscientes.

Há um debate entre as correntes psicanalíticas norte-americana e francesa em relação ao conceito de gênero. Na França, em geral, se discute essa noção e se ressaltam a sexualidade e a diferença sexual. Acreditamos que esse debate se sustenta em oposições dicotômicas e deveria ser reconsiderado, como propusemos, com modelos de pensamento e lógicas que incluam as complexas relações entre essas ordens heterogêneas.

Por outro lado, a história da cultura nos mostra diferentes aproximações aos gêneros. Para Aristófanes, no *Banquete* de Platão, existiam mais de dois gêneros: os seres duplos eram três. Além disso, os gêneros mistos eram parte das mitologias gregas e orientais, encarnados nos deuses e deusas. Isso também coexistia, com uma distinção radical entre o masculino e o feminino, que se destacou fortemente no Iluminismo.

Agora, se nos detemos na construção da subjetividade, constatamos que o gênero atribuído está em movimentos de construção-desconstrução que o distanciam de uma fixidez imutável. Na maioria das pessoas, mantém-se o gênero atribuído como núcleo de gênero, e os movimentos possíveis se referem à identidade de gênero pós-edípica. Mas sabemos, também, que o gênero atribuído ao nascer não é inamovível. Por isso, havíamos proposto que *entrar e sair do gênero* é parte dos processos de subjetivação sexuada.

Como aponta Chodorow (2003), há propostas da cultura e dos discursos sociais sobre os gêneros, mas cada pessoa – homem, mulher ou trans em sentido geral – faz um caminho particular sobre essas *propostas*. Ainda, a necessidade de incluir o papel das fantasias, das emoções nessa elaboração criativa do gênero, no singular.

Consideramos que o gênero alude aos ideais sociais e parentais, culturais e discursivos que expressam o contrato social vigente. Esses ideais atuam performaticamente e podem se transformar em prescrições inamovíveis; porém, ao mesmo tempo, os desafios aos gêneros estabelecidos nas práticas sociais revelam resistências e questionamentos que levam a uma revisão de alguns pressupostos teóricos. O contexto social, por sua vez, responde a diferentes planos – é linguístico, discursivo, com componentes imaginários e simbólicos, que moldam os ideais e práticas sociais e individuais, e isso varia historicamente.

Nessa linha, destacamos a distinção entre o gênero como categoria

sociocultural e discursiva, e o gênero como construção subjetiva. Estão relacionados, mas não são homologáveis. Bakhtin (1978) alude a três variáveis que devem ser incluídas para pensar estas questões: o Eu, o outro e o terceiro. Trata-se de uma referência ao papel da alteridade na construção do sujeito. Não se pode ser sem o outro, apontou esse autor.

Enfatizamos que é necessário ter em conta diferentes significações no campo da alteridade. No caso do gênero, as informações dos discursos vigentes constituem um outro discursivo, cujas prescrições se fazem presentes desde o nascimento. Trata-se, como apontamos, de ideais que a cultura e o contrato social propõem. Embora tomem como ponto de partida os dados anatômicos ao nascer, incluem crenças, convenções, estereótipos e prescrições sobre o feminino e o masculino. Por outro lado, sabemos que esses dados anatômicos marcam uma distinção que será interpretada na ordem cultural em termos de valorações diferenciais. Desta maneira, vemos que o campo da alteridade abarca elementos imaginários e outros simbólicos. Ambos interagem com a construção subjetiva do gênero, mas demandam ser desconstruídos, levando em conta seus pontos cegos.

Também apontamos que o conceito de terceiridade implica superar os elementos imaginários do campo da alteridade. Supõe pensar em uma terceiridade simbólica como operante, que leva cada sujeito a considerar o outro como radicalmente outro (Levinas, 1947). Mas leva também a revisar o conceito de diferença sexual e a situar o feminino e as mulheres, que tradicionalmente foram o outro de um sujeito universal, como sujeitos.

A isso se juntam outras questões da maior importância. Uma é a relação entre sexualidade e gênero, e de ambas as categorias com os corpos anatômicos. A outra é o papel das relações de poder, implícitas e explícitas, que sustentam as relações entre os sexos e com as minorias de todo tipo. Os modelos dualistas, inevitavelmente, estabelecem hierarquias neste campo e são sustentados pelas relações de poder. Os desenvolvimentos de Foucault (1979) sobre as categorias de poder e domínio são imprescindíveis para ampliar a compreensão dessas relações.

O papel dos corpos. Biologia e performatividade

Aqui há um forte debate entre os que opinam que *a anatomia é destino* (Freud, 1925), e os que separam o corpo biológico das vicissitudes do gênero e da sexualidade nos processos de subjetividade. Nós consideramos necessário examinar profundamente as interações entre essas categorias.

É indubitável que aqui surja outra questão: como categorizar o corpo

biológico (anatômico, hormonal, genético) e quais significações se atribuem neste plano às distinções masculino-feminino.

Trata-se de um debate que inclui outros. A sexualidade é o determinante? Ou é o gênero? E os corpos seriam, nesse sentido, secundários? Acontece o contrário? Para Lamas (2002), o gênero pode se transformar em fetiche se não se levarem em conta a sexualidade, o inconsciente e os corpos biológicos.

Então, que informações surgem dos corpos e das pulsões? Indubitavelmente surgem *mensagens* para se decodificarem. Como essas mensagens influem nos percursos do desejo e no gênero atribuído? Estas mensagens do corpo biológico entram na ordem de significações que os discursos vigentes oferecem e podem ou não gerar conflito. E, ao contrário, que informações surgem dos gêneros atribuídos que se incluirão nos percursos pulsionais e desejanter?

Estamos diante de dilemas binários que não têm aberturas possíveis dentro deste quadro. De nossa perspectiva, é inconcebível falar de corpo e gênero sem falar de pulsão, de sexualidade e de desejo. A pulsão parte de impulsos internos; porém, como já apontamos, por acaso é possível pensar na pulsão e no desejo como categorias isoladas sem relação com as mensagens dos outros?

Em outras palavras, estamos diante de um campo de multideterminações que não pode ser reduzido a explicações monocausais. Isso nos leva a propor outra via para pensar estas variáveis, não em termos oposicionais, mas tratando de estabelecer zonas de intersecção, de interfase, entre elas.

Por outro lado, falou-se muito dos efeitos performativos da linguagem. Trata-se de que as palavras são atos. Esses atos, quando se reproduzem e se repetem continuamente, produzem efeitos nos corpos e nas construções subjetivas de gênero. Essas categorias interagem com os itinerários do desejo.

Butler (1990) pensou a relação entre os efeitos performativos da linguagem e a performance como cena, como máscara, em relação com o gênero e a clássica polaridade masculino-feminino. Isso fala do gênero como construção. Mas não só como construção cultural, senão também como construção subjetiva.

O conceito de mascarada, de Riviere (1929), é um antecedente aplicável ao gênero. Quando essa autora falou da feminilidade como máscara, referia-se a uma mulher bem-sucedida profissionalmente, que devia ocultar sua rivalidade com os homens construindo uma mascarada de feminilidade, de características defensivas. Mas podemos estender esse conceito às figuras coletivas e individuais sobre a masculinidade e a feminilidade.

Pontalis (1982) apontava que, frente à atribuição de uma identidade sexual, uma vida toda não é demais para responder pessoalmente, cada um ou uma, às respostas que se apresentam como definitivas.

Sexualidade e cenários fantasmáticos

A psicanálise sempre sustentou um de seus eixos fundamentais no inconsciente e na sexualidade. Nesta linha, entendemos que falar de identidade de gênero torna imprescindível o interjogo com o campo da sexualidade e do desejo, e deve levar a incluir os corpos, sempre significados. Quer dizer, o gênero como construção cultural não é um determinante *mestre*, mas se inclui em complexas relações com o campo da sexualidade e das mensagens dos corpos. Referir-se à sexualidade exige um esclarecimento de suas significações, pois falar da sexualidade em psicanálise é falar de psicosssexualidade. É inevitável a referência a *Três ensaios da teoria sexual*, em que Freud (1905) desenvolve suas ideias a respeito, como em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915). Importante ressaltar que a relação entre pulsão, psicosssexualidade e desejo é iniludível. Já é suficientemente conhecido que o conceito de pulsão marca uma disjunção em relação ao instinto. O objeto é contingente, mas – ressaltamos – não é arbitrário.

No entanto, há outras questões e outros debates em pauta ainda não resolvidos. Em primeiro lugar, a relação entre o estímulo interno da pulsão e o mundo externo. Os significantes enigmáticos (Laplanche, 1999) entram em ação. Nem a pulsão, nem a psicosssexualidade, nem o desejo se limitam exclusivamente ao mundo interno, embora esta genealogia deva ser necessariamente incluída. Trata-se, como havia colocado Green (2003), de trabalhar em um terceiro espaço, nas interfases entre mundo interno e mundo externo. Guillaumin (2004) deu importantes contribuições nesse sentido.

Essas mensagens enigmáticas, desconhecidas para as crianças, são marcas que induzem diferentes itinerários para a psicosssexualidade e para o desejo, que entram em complexas relações com as determinações próprias do mundo interno. Neste sentido que Freud, dentro do conceito de séries complementares, chamava o constitucional, uma referência a fatores desconhecidos no campo psicanalítico, mas que se deviam incluir, mesmo que fossem como interrogações com respostas desconhecidas. Com isso, frisamos que as mensagens enigmáticas provêm dos outros significativos e dos discursos vigentes em cada época, mas também é necessário admitir que provêm de fontes internas.

Veja bem, se incorporamos neste trajeto o papel do imaginário coletivo e as fantasmáticas singulares, devemos também revisar sua genealogia e investigar a que respondem. Em outras palavras, sexo biológico, sexualidade e gênero estão entrelaçados. Por um lado, a construção da identidade, incluída a identidade de gênero, responde a prescrições culturais transmitidas por outros significativos, familiares e extrafamiliares. Por outro lado, essas mensagens estão alaistradas pelo

campo desejante, pelos fantasmas próprios de cada pessoa, cuja estrutura também merece ser revisada.

Nesta linha, abordamos a cena primária como uma fantasia personificada sobre as origens, de características intrafamiliares. A cena *fundante* sobre a diferença sexual, protagonizada por Hans (Freud, 1909, 1908), e cujos roteiristas foram Freud e o pai do pequeno Hans, responde a discursos coletivos de caráter androcêntrico sobre a diferença sexual, em confluência com as teorias que o pequeno investigador está capacitado para processar, em seu âmbito fantasmático.

Desta maneira, estes fatores se entrelaçam em complexas interfases. Os fantasmas singulares não só respondem ao mundo interno e a um estímulo pulsional e desejante autônomos. Pelo contrário, as mensagens do campo da alteridade que informam sobre o gênero *tocam* também os movimentos pulsionais e desejantes.

Por esse motivo, pensamos em termos de recursividade, como colocava Morin (1990). Não há causa e efeito como proporia um pensamento determinista monocausal. As causas são efeitos, e os efeitos, causas. E se determinam mutuamente.

De outra perspectiva, as teorias *queer* propõem sair do limite da diferença sexual e de gênero, enquanto representam opções dicotômicas. Abordam configurações sexuais e identitárias que se afastam da norma heterossexual. Fica aberta a pergunta sobre as cenas originárias e fantasmáticas subjacentes nestas configurações que se afastam das convenções vigentes.

Interações entre corpos, psicosexualidade e gênero

Essas reflexões nos levam a pensar no papel da escuta e na necessidade de aprofundar em como agem, em cada psicanalista, suas representações, crenças, fantasmáticas, ideologias sobre gênero e sobre os itinerários da sexualidade. Isso também nos leva a voltar às perguntas e aos debates que mencionamos no início deste trabalho.

Aceitamos que existem apenas duas formas de pensar essas questões? Para alguns, o predomínio é do campo da sexualidade; para outros, da pregnância do gênero como referência a uma construção cultural.

Embora os dualismos sejam sustentados pela cultura, as subjetividades respondem a construções complexas e plurais. A natureza já não é natural no humano. A pluralidade é uma marca dos processos de subjetivação. Mas interpretar esta pluralidade não implica ecletismo, não se trata de sustentar uma coexistência

indiferente de noções e variáveis. Então, a questão reside em como trabalhar essa pluralidade de determinações.

Buscamos outra opção que ultrapasse essa dicotomia do pensamento. Os modelos de pensamento e as epistemologias atuais nos proporcionam instrumentos para sobrepujar os dualismos binários. Trata-se de não entrar em falsas opções e de jogar essas posições heterogêneas em um metamodelo que as inclua, em suas concordâncias e discordâncias.

O paradigma da complexidade (Morin, 1990), como modelo de pensamento e lógica alternativa à lógica binária, constitui uma ferramenta que permite escapar dos limites das polaridades dicotômicas. A clínica nos apresenta desafios que são difíceis de encarar com base nos dualismos masculino-feminino, fático-castrado, exclusivamente. As chamadas diversidades sexuais e de gênero, assim como as configurações familiares não convencionais, nos exigem outras opções.

As lógicas pós-binárias, que se baseiam no trabalho sobre as heterogeneidades e como elas se relacionam, quer seja em concordância ou discordância, proporcionam modelos de pensamento que superam o pensamento binário. Isso não significa desconhecer os binarismos, que fazem parte da cultura e de nosso modo de pensamento, mas sim incluí-los em complexidades maiores, mais abrangentes.

Desta maneira, não nos vemos submetidos às incertezas do par masculino-feminino que se sustenta em crenças, convenções e estereótipos que impregnam o psiquismo individual e coletivo. Pelo contrário, fazemos essa polaridade trabalhar com outras propostas sobre a diferença sexual e com a categoria *diferença*, em particular (Glocher Fiorini, 2001, 2015).

Essa abertura implica fazer trabalhar mais de duas variáveis e criar as possibilidades de quebrar as relações de poder, que estão incluídas na linguagem e nos discursos. Sabemos que os binarismos representam relações de poder, assim como as relações de poder se servem dos binarismos. Nisso estão incluídas as concepções sobre a diferença sexual.

Na trajetória deste trabalho, está implícita a questão da diferença sexual e como é conceitualizada. Como havia proposto (Glocher Fiorini, 2015), a diferença sexual é uma categoria enigmática, que pode ser pensada como um arquivo vazio que foi e é interpretado pelas narrativas, crenças, estereótipos, convenções sobre o par masculino-feminino. Essas narrativas são, por um lado, transobjetivas e, em parte, respondem a construções fantasmáticas inconscientes individuais.

A diferença sexual, a diferença de gêneros, a diferença anatômica com suas significações interagem entre si de tal maneira que não podemos reduzir a categoria *diferença* a um só dos fatores em jogo. Essa tríade está impregnada de movimentos simbólicos e imaginários, por discursos e ideais culturais e sociais,

de modo que as narrativas que as expressam vão variando. Estes movimentos não são ilimitados, pois cada uma dessas variáveis encontra seu extremo nas outras.

Finalmente, as pluralidades teóricas e as diversidades clínicas são uma marca da psicanálise contemporânea. Para alguns é um problema, para outros um estímulo para continuar pensando com certa margem de liberdade nos desafios que nos propõem as subjetividades contemporâneas. Por isso, propomos trabalhar nas complexas relações entre corpos, identidades, identificações e sexualidade/desejo. □

Abstract

Identities and sexualities in transformation

The author discusses the complex relations existing between the categories of identity and gender identity and the field of sexuality and bodies. She suggests that those factors are not autonomous and interact recursively. They are in relation to the significant others and to current discourses, in a plural plot. The author's suggestion includes the need to rethink the concept of sexual difference in force, to expand it and to point out the heterogeneous factors that are at stake in that concept.

Keywords: Identity; Gender identity; Sexuality; Drive; Body; Paradigm of complexity

Resumen

Identidades y sexualidades en devenir

La autora aborda las complejas relaciones que se establecen entre las categorías de identidad e identidad de género con el campo de la sexualidad y los cuerpos. Propone pensar que estos factores no son autónomos e interactúan recursivamente. Están en relación con los otros significativos y con los discursos vigentes, en una trama plural. La propuesta incluye la necesidad de replantear el concepto de diferencia sexual vigente, ampliarlo y señalar los factores heterogéneos que están en juego en este concepto.

Palabras clave: Identidad; Identidad de género; Pulsión; Paradigma de la complejidad

Referências

- Bakhtin, M. (1978). *Problemas de la poética de Dostoievski*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- Bakhtin, M. (1990). Las formas del tiempo y del cronotopo en la novela. In *Teoría y estética de la novela*. Buenos Aires: Taurus.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble*. New York: Routledge.
- Chodorow, N. (2003). *El poder de los sentimientos*, (pp. 20-23). Buenos Aires: Paidós.
- Cragolini, M. (1998). *Camino y demora*. Buenos Aires: Eudeba.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica del poder*. Madrid: La Piqueta.
- Freud, S. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras completas*, VII. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1908). Sobre las teorías sexuales infantiles. In *Obras completas*, IX. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1909). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. In *Obras completas*, X. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. In *Trabajos de Metapsicología*, XIV, Buenos Aires: Amorrortu, 1979.
- Freud, S. (1925). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In *Obras completas*, XIX. Buenos Aires: Amorrortu.
- Glocher Fiorini, L. (2001). *Lo Femenino y el pensamiento complejo*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Glocher Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate. Cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Green, A. (2003). *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
- Guillaumin, J. (2004). El mundo exterior y el nacimiento del sujeto. In *El otro en la trama intersubjetiva*. (Comp. Leticia Glocher Fiorini). Buenos Aires: Lugar Editorial & APA Editorial.
- Lamas, M. (2002). *Cuerpo: diferencia sexual y género*. Taurus: México.
- Laplanche, J. (1999). *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- Lévinas, E. (1947). *El tiempo y el otro*. Barcelona: Paidós, 1993.
- Morin, E. (1990). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1995.
- Pontalis, J. B. (1982). El inasible a medias. In *Bisexualidad y diferencia de los sexos* (pp. 13-26). Buenos Aires: Ed. del 80.
- Riviere, J. (1929). La femineidad como máscara. In *La femineidad como máscara*, (comp.). Barcelona: Tusquets, 1979.

- Rubin, G. (1975). The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In Rayne R. Reiter (Ed.), *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press.
- Sacks, O. (2002). *El hombre que confundió a su mujer con un sombrero*. p. 48. Barcelona: Anagrama.
- Stoller, R. (1968). *Sex and gender*. London; Karnac. 1984.

Recebido de 11/07/2018

Aceito em 29/08/2018

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão gramatical **Ellen Garber**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Leticia Glocer Fiorini

Zapiola 1646, Piso 2

CABA 1426 – Buenos Aires – Argentina

e-mail: lglocerf@intramed.net

© *Leticia Glocer Fiorini*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA